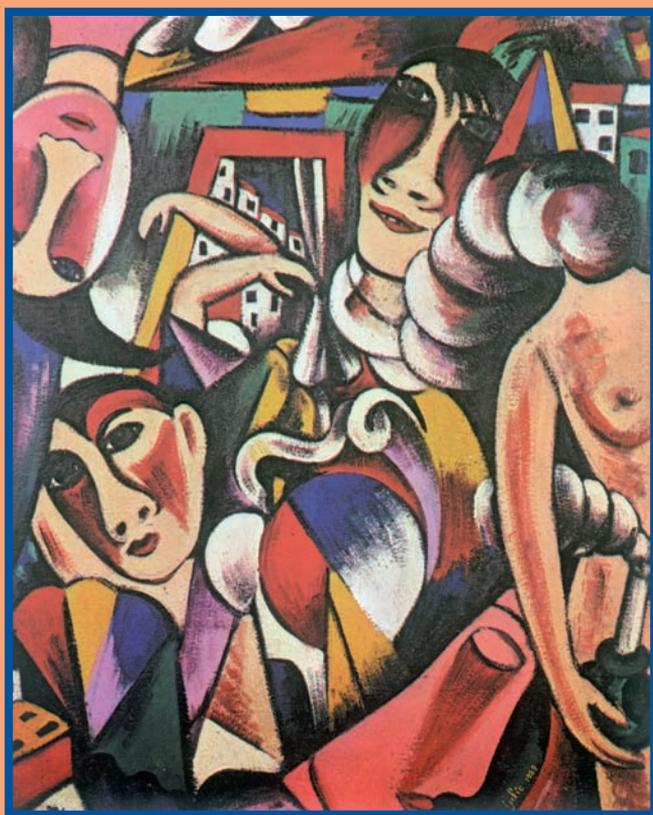


ALEIXO RIBEIRO
BÚSSOLA DOIDA



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES

ALEIXO RIBEIRO

BÚSSOLA DOIDA

Prefácio de JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2008

LEITURA DE BÚSSOLA DOIDA

Esqueçam-se ou ponham-se de lado (mas sem ignorar, que ignorância não é razão) as mais onze obras de Aleixo Ribeiro publicadas entre 1920 e 1962 — líricas ou neo-realistas, em verso ou prosa — e leia-se esta Bússola Doida, datada de 1932 e publicada em 1938, há muito saldada em tabuleiros. Foi prática lisboeta de anos 40 e 50, em comércio de rua, de que beneficiaram igualmente os outros dois livros saídos na mesma «Colecção de Autores Modernos Portugueses» das defuntas Edições Europa, de Lisboa: o Nome de Guerra, de Almada Negreiros, e Caminhos Magnéticos, contos de António Madeira, aliás Branquinho da Fonseca, e já não a só anunciada Solidão, de João Falco, aliás Irene Lisboa. Tratou-se de uma iniciativa conjuntamente malograda, com tardia recuperação do Nome de Guerra, sob a direcção de João Gaspar Simões — que se viu, depois, sozinho, a elogiar criticamente o referido romance, nas suas bem úteis colunas do Diário de Lisboa.

Desapareceu ele da memória da literatura pátria, com este único registo positivo — ou também de Luís Forjaz Trigueiros, é certo, nisso mais sensível que Casais Monteiro, na Presença, atirando-se ao herói «invertebrado» de uma «obra falhada», ou que João Pedro de Andrade, n'O Diabo, anotando miudamente defeitos literários desta «obra abaixo do medíocre»... Óscar Lopes ignorou-o na autoridade da sua

História, ou *Jorge de Sena, no seu profuso Panorama Coordenado, de 1956. Daí para diante foi sempre a dobrar, e, se excepção houve, terei sido eu a tomar-lhe a responsabilidade, com propositado anacronismo, falando (em 1992) dos anos 20, de que o romance manifestamente veio, com pequeno atraso de dois anos. Que se perdoe a petulância de quem não é directamente do ofício e põe Bússola Doida entre 100 obras escolhidas da literatura que dele também é desde as Cantigas de Amigo e outras até ao Memorial do Convento, do prémio Nobel havido... E eis porquê.*

Que se trata de «um dos raros romances portugueses em que se foca a adolescência», como assinalou obviamente Gaspar Simões, é um facto, e nessa raridade encontraríamos só, e depois, declaradamente, os Adolescentes, de Casais Monteiro, ou obras de Régio, ou o esquecido As Sete Partidas do Mundo, do primeiríssimo Namora, aliás saído no ano da edição de Aleixo Ribeiro — mas sem comparação cronológica que se tente entre o lirismo de um e... o quê, do outro?

É que a adolescência como tal é tema de difícilimo enfoque, cheio de armadilhas da infância e da juventude seguinte («jovens adultos», diz-se), que os heróis recordam sentimentalmente (e muitos autores passam a vida a fazê-lo, já sem desculpa de idade) ou com a qual se confundem, em projectos realistas, ou como tal supostos. Os projectos da adolescência trazem esperanças (Esperanças Comuns se intitularia o romance mais longo de Casais, de que os seus Adolescentes, publicados em 1945, foram só uma parte escrita) e medos, e confusões de outra espécie, que custam a detectar e ainda mais a exprimir, fugitivas que são ou se desejam, por um orgulho existencial in herba que de outro modo necessariamente crescerá. Trazem eles, sobretudo, uma «nocência» que pode ser ingénua, por «imprática» da vida, mas que tem os seus perigos. Psicológicos e outros, sobretudo deles decorrentes. O perigo principal (não se sabe se sobretudo em Portugal) é o lirismo, a que a gente da Presença ou do Novo Cancioneiro foi legitimamente atreita, por dentro ou por fora, consoante a dosagem.

Ora, e ao invés de todas as outras, Bússola Doida não é uma obra lírica, antes pelo contrário. Daí a sua originalidade e o seu valor, num panorama literário mais assente, comumente, em reflexões e prospecções sentimentais. E Bússola Doida não é também uma obra sentimental, bem longe disso. Que terá ela, então, que a distinga da corrente literária nacional? Não será ela, por excepção, uma obra stendhaliana?...

Nenhum escritor português o é, e não notei qualquer citação do autor de Lucien Leuwen em autores significativos nossos, no seu tempo, ou depois, nesta maneira que tivemos de saltar de Balzac para Flaubert e para Proust, conforme as épocas e as formações. Não o cita também, bem entendido, Aleixo Ribeiro, e nada nos diz que o tenha lido, no meio de uma cultura literária de autodidacta que se manifesta. O Rilke posto em exergue da Bússola, inesperado, que significa ele? Há muito que mo pergunto — e não ao autor, que, quando com ele rapidamente convivi (ele estava então ao balcão de um comércio familiar de oculista, na Rua da Prata), nisso não reparara. E acontece também que eram sobre cinema as nossas conversas cordiais (era o seu interesse de momento, fora assistente de realização, já não sei de quem), e ele publicara então obras que não me interessavam muito; e outras, anteriores, não conhecia e também não haviam de me interessar, ou ainda menos. De qualquer modo, nenhum dos outros onze livros de Aleixo Ribeiro tem que ver com Stendhal. Acaso da Bússola Doida? Feliz acaso, então, para o romance português da primeira metade do século xx...

Consideremos, porém, os seis livros que Aleixo Ribeiro publicou antes deste romance e sobretudo (apesar de tudo) Jogo de Damas, em 1933, mas escrito em 1925, quando já editara os outros cinco. Quase diria que em vão.

Quatro são de poesia e mesmo, o primeiro, A Voz do Meu Sentir, em 1920, tinha o autor 20 ou 21 anos, juntava líricos sentires, «esparços» dos 14 aos 16 anos; e o segundo, dito Ilusões que Passam, também desse ano, continuava pelo mesmo mau caminho com poesias de amor e desilusão, feitas dos 17 aos 20 anos. O terceiro volume, de 1923, é mais trabalha-

do, Claustro de Símbolos, poesias «de um visionário», da «natureza e da alma», com tristezas, nostalgias, soledades nos versos que não podiam, na verdade, ter a qualidade de Eugénio de Castro, até num «jardim da quimera». O melhor dele será, provavelmente o anúncio de um romance A Última Romântica, que não se sabe o que seria, ou devia ser, porque no ano seguinte saiu, no miniformato da Biblioteca Miniatura, uma dita «novela naturalista», O Pecado, em forma de dezasseis cartas ou cartinhas (mediócras), de Mimi tuberculosa a Carlos, e isso a par de Asas Exiladas, que nunca vi ou só citado e, pelo título, parece ser, mais uma vez, de poesias.

Chega então, com 1925 como data de autoria e 1933, ano da edição, *Jogo de Damas*. É uma história mundana e viva, passada na Lisboa do Chiado, do Estoril (é a ilustração estival da capa) e de Sintra, com Paris e Côte d'Azur. O escritor Mário Vilar, casado com Lídia, ama também Adélia, divorciada, procurando uma «comunicação sexual [a palavra é escrita, em 1925-1933!] entre os três», quando «tudo é cinema». Adélia suicida-se, ele pensa fazê-lo também, «continuando afinal tentando os mesmos azares dum eterno jogo de damas». O capítulo final (com um epílogo depois) intitula-se «Bússolas doidas», no plural. Em tudo, muita incerteza de composição e um gosto magazinesco dos piores anos 20 da literatura nacional.

Depois de Bússola Doida, Aleixo Ribeiro publicou, nos anos 40, três novelas em colecções então habituais, de variado prestígio, a *Novela, semanal, da Editorial Organizações* (ao lado de Torga, Aquilino, Branquinho, Simões, Paço d'Arcos), *A Novela, das edições Argo* (a par de Botto, T. Ribeiro Colaço, Olavo), a *Companha* (com Nascimento, Alexandre Cabral, Eugénio de Andrade — e repare-se na diferença dos agrupamentos), e foram *Borboletas da Noite* (em que se anunciava o romance *O Leão Sagrado*, jamais publicado), *A Caixa de Música* (datado de 1940, em que se anunciava *Bairro Excêntrico*) e *O Canto daquela Rua* (já após *Bairro Excêntrico*), e este romance editado em 1945 e pelo qual, com o seu neo-realismo, mais ou menos lírico, o autor ficou cata-

logado; depois, só terá saído o romance de índole paralela, Patrão Bento, em 1962. O romancista faleceu quinze anos mais tarde. Mas de tais obras não cabe falar nesta leitura particular de *Bússola Doida* — na edição do qual não se mencionou qualquer obra anterior do autor, nem se anunciaram futuras.

*

Para J. Gaspar Simões (que, não o esqueçamos, selecionou a obra para a coleção que lhe foi dado dirigir, com o merecido prestígio da sua carreira de crítico regular, então no *Diário de Lisboa*), *Bússola Doida* traduz «a possibilidade de romance português» (problema que então preocupava a crítica nacional), «misto de análise e de lirismo», «misto de realismo e de poesia», como o crítico receitava e ali mostrava «um caminho», não sem referência, quiçá abusiva, à *Recherche du temps perdu*, de Proust.

António, o narrador, que escreve em primeira pessoa, começa por falar num «severo balanço da sua vida» — da «tua», porque a si próprio se dirigia. Encontra-se em «desespero», depois de tanta aventura amorosa cruzada de que vai falar, falando de seis ou sete (mas sobretudo duas) namoradas, com implicação sexual que na época a boa moral da classe burguesa, delas todas e do autor, devia escandalizar.

Porque *Bússola Doida* não tem moral nenhuma, sequer em moralidade tirada da história do herói, como ele reconhece ao fim. A menos que o seja vir um dia «a vida a metê-lo no buxo», em palavras conclusivas. Isso faz também com que não se trate de um romance «de aprendizagem», que não há *Wilhelm Meister* no caso, nem *Carlos da Maia*, e a «educação sentimental» que António-Toneca-Antoninho atravessa não se cumpre ou pode cumprir. Suicídio, na sua condição? «Que tenho eu com isso?», diz-lhe a última amante e primeira namorada. «Não sejas bruta!» é a resposta assaz familiar dele — e inesperada...

E muita coisa inesperada há na *Bússola Doida*, em situações e réplicas — que nunca são «de espírito», embora com

humor, raro também na novelística nacional, e vem, com certeza, do único facto assente neste romance, que é o de não tomar-se ou poder tomar-se a sério, não tanto o seu confesso protagonista, mas a história que vive, no «galope da sua imaginação», «frívola», «ilusionista», «confusa», «cheia de insuficiências» criticadas no estilo... Que este seja ingénuo, não deixará o leitor de reconhecer, e está no âmbito do «presencismo» possível e epocal. Fora do génio do Almada do Nome de Guerra, bem entendido, por ser produto, já, de outra geração.

Mas repare também o leitor em certos notáveis achados de expressão («talvez até sem gramática», diz o próprio romancista), em que é caso de ser «borrifado» com um sorriso, de «sustos morais», de olhos «mudáveis», «postos como se fossem óculos», de conversa «funambúlica» ao telefone, de «um luxo cheio de guizos», de uma mulher andando «direita e elástica como os galináceos», etc., etc. Ou a ideia de uma cena com a namorada «como macacos num jardim», ou de que «uma carga de água traz sempre qualquer coisa de solene». Mais fraco ou banal é que as ruas «pensem por ele», Toneca, de madrugada, ou que ele seja (ou se veja como) «uma formiga desatinada», ou a comparação da trepadeira, ou a lembrança de «terrores infantis», logo ao princípio da história contada. Levar «tampa», estar «com escritos» ou ser «bera» são, por seu lado, calões saborosos, muito da época, em fins de anos 20 assim vividos no meio lisboeta bem descrito, de burguesia rica ou «remediada» (que anda mais de eléctrico que de táxi e não tem automóvel particular mencionado), com bailes particulares de ceia e smocking, chás no Chiado, matinées de cinema, sombras de toldos na praia, cartas ainda então levadas por galegos, ao mesmo tempo que já longas conversas ao telefone, tratamentos de V. Ex.^a, fraques nos casamentos, e leituras, ainda, da «Colecção Selecta», sobejadas do romantismo oitocentista, traduzido do francês de Feuillet ou Ohnet.

A história que António se conta é basicamente triangular: ele entre Joaninha e Estela, com sobreposições geométricas de outro triângulo, ele, Maria Eduarda e Efigénia, de

outro ainda, ele, Alice e a moça sã que trabalhava para fora; e há também Albertina, que se tornou modelo, ou coisa pior, e que, com Jorge e ele, forma outro triângulo. Aliás, com Joaquina e com Estela, dois triângulos se constituíram à custa de Rui, que de uma a outra passou, tal como Toneca, mas em sentido ou sentidos diferentes, senão complementares. Com outras duas personagens, António está sozinho, e são Maria Eduarda e Efigénia, as suas primeiras amantes carnavais, propriamente assumidas e organizadas, mesmo que na clandestinidade mundana ou burguesa que lhes convinha. São, na verdade (e nas verdades) da história, as mais interessantes, por distante ou aproximada humanidade das suas vidas. E não deixará o leitor de pensar, ou esperar, que a cunhada Gabriela (esposa de um irmão modelar que nunca tem nome) irá cair igualmente nos braços de António-Toneca e perguntar-se-á mesmo se o autor não se esqueceu dessa eventualidade, na tessitura dramática do romance, ou na sua lógica... Esta estrutura-se visivelmente em movimentos transversais que buscam sempre um outro que não o «predisposto» na ordem aparente das coisas.

Se Alice e a moça que trabalha para fora (e nunca tem nome), uma aproveitada na vizinhança de um marido lojista, num acaso de carro eléctrico, a outra num acaso de rua, são remedeios, e Albertina uma referência de pouca convicção, e os outros dois casos efeitos de proximidade mundana ou familiar, é a Joaquina e Estela que o romance volta, por seu maior sentido.

Ambas elas são a adolescência de Toneca: a primeira, companheira de jogos de infância, às escondidas (já às escondidas...), a segunda intervindo mais tarde, em jogos de praia, e subitamente, no virar da página 30 do livro. O «Joana, é preciso que me dêes um beijo! Estás doido? Para quê?», da página 18, marca a evolução necessária das relações com Joaquina, dos ciúmes ferozes que dela o Toneca tem perante Rui, mais homem em pose, no mundo. O namoro com Estela é mais difícil, por defesa dela — que acaba por casar com Rui, que deixara Joana. Ou Joaquina deixara, por causa do Toneca, pronta a cair-lhe nos braços; e é ele quem re-

cosa. Ela, aliás, «desmanchara todos os seus casamentos por sua causa». De qualquer modo, Toneca seria amante de ambas. E fiel à primeira...

É esse jogo, algo inesperado e algo de súbito resolvido, que fundamenta o romance, sem cuidados ou truques de psicologia aplicada na introspecção um tanto ingênua do discurso. É, por assim dizer, uma literatura Presença menos — ou mais, por fantasia. Ou entre a Presença, de Gaspar Simões, e o Nome de Guerra, de Almada, numa contemporaneidade hesitante, que é a dos anos 20-30.

Joaninha e Estela são duas figuras em certa medida catalíticas da história de António, das suas «dores supérfluas e pueris», permanecendo, a primeira, da página 10 à penúltima página do romance, com os seus pequenos seios. Não podia ele «jurar que ainda estavam como os vira dantes? Tu? Nunca os viste...» — ele «que nunca vira outra coisa na sua vida...» Os seios são, aliás, o índice maior do erotismo do livro, vistos, beijados, apalpados, como prática de adolescente caracterizado. E a segunda, Estela, como referência, ou repoussoir do seu donjuanismo. Será amante dele depois de casada, tal como Joaninha casada também, não interessa com quem, nem se diz — e ambas as situações surgem no último capítulo do romance, décimo-terceiro, de propósito. Despedidas todas as outras personagens, ata-se o destino destas duas, para que António-Toneca-Antoninho possa ficar sozinho, na vida que com ele joga, como «gato e rato»...

Não é o melhor do romance essa parte reflexiva do seu herói em vã busca de lucidez (ou já as suas reflexões místicas — mas o «ele veria que místico eu era!» é uma excelente réplica...), e mais ele pode interessar nas observações ocorrentes, pequenas pinceladas de uma vida que vai pelo liceu fora e pára nos preparatórios da Medicina que nunca completará, ou seja entre os 10 ou 12 anos e os 19, com experiências de homem de amantes maduras. O autor fala da «primeira mocidade» que narra, no equívoco das idades da sua vida, mas as contradições ou os paradoxos dela são mais próprios da adolescência que assim se exprime e pratica.

O herói anda «a correr atrás de enganos» e, com as mulheres, não faz senão «lapsos» — admirável classificação do que lhe acontece, e que não é mais do que «dramatizações de tudo e de todos»... A ordem da vida de António ou Toneca, «terrível Don Juan» ou «aventureiro» que se desejava ou (menos do que isso) supunha, ou «tristíssimo piegas», em que se vê, fidelíssimo através de aparências e enganos, nunca se realiza conforme ele a «predispusera», e é essa a melhor observação do romance: a ordem que se lhe ofereceu foi sempre outra... Uma bússola doida (a expressão aparece a oito páginas do fim, e lembremos somente que já fora título de capítulo de um romance anterior) guiou a desordem da sua rota. A vinheta da capa do volume, de Almada, tem ondas de oscilação...

«E é isto. Nada mais!» termina a narração», ou o relatório que o herói se impôs fazer, enquanto a vida o não devorasse. Que ele se tenha «achado só com a sua sombra», páginas atrás, é uma banalidade de um noctivismo bem «presencista»; mas que ele tenha ido a Paris (com D. Efigénia, por ironia ou disparate; antes fosse com D. Maria Eduarda, para sua boa educação!), mesmo que disso se gabe, com uma ingenuidade pueril, e tenha atravessado a cidade, numa vertigem de sensações, é uma das vantagens originais do romance, algo almadina. São páginas de uma irrealidade rara na literatura portuguesa, pela aflição do seu ritmo, pela sobreposição das imagens, magazinescas, se o leitor assim quiser achá-las, mas como numa agudíssima dor experimentadas... E, quando regressa a Lisboa, não se sente ele «um incompreendido e bem estranho forasteiro»? Tal como Carlos da Maia, Toneca está ao contrário da Cidade e as Serras — o que é também importante constatar nos seus anos 20-30 de contraditórias ideologias.

O humor incerto, distante e desdenhoso e cínico, de toda a história, os súbitos sucessos de uma psicologia fechada em si, algo sonambúlica, criando a sua própria realidade e sem moralidade que não seja a que possa convir aos seus desígnios, não deixa de sugerir a perspectiva stendhaliana que atrás se observara na obra.

... Porquê Rilke, então? Que luz vê o autor assumir-se em torno dos seus «objectos familiares e íntimos», «bons, simples, fiéis» que lamentará não possuir assim? A do seu herói, deste Toneca, menino mal crescido, de tanto engano e tanto lapso, de tanta fidelidade e tanta perdição?...

Alguma ideia o romancista decerto (ou acaso) teria...

Jarzé, Outubro de 2001.

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

BÚSSOLA DOIDA

Acendes uma luz e o ruído é já a tua pessoa. Levantas a luz e dizes: «Sou eu, não te assustes.» E poussa-la, lentamente, e, não há dúvida, és tu. És a luz em torno dos objectos familiares e íntimos, que estão ali, sem segundo sentido, bons, simples, fiéis.

RILKE, *Os Cadernos de M. L. Brigge*.

CAPÍTULO I

Nada sucedeu na minha vida, nada tive nela que merecesse, afinal, a dor do gozo que senti, para hoje sentir tão grande perca e um tal desespero? Se assim foi, e sobretudo agora me parece, ante a realidade suprema da tua perca e do teu desespero, torna-se necessário, António, que faças um severo balanço da tua vida...

Mas isto foi sempre assim, desde que me conheço. Começou a sê-lo quando me intimidaram com o «homem do saco», e ninguém, para mim, teve maior realidade que tamanho figurão, que não tinha meio de ver, e me tomou diversas aparências, já privando-se do seu saco para ser um horrível lobisomem, já descarnando-se e cobrindo-se de um lençol para se esconder atrás da porta do meu quarto. Era *ele* que, à noite, fazia sair do *toilette* aquela sombra que nada tinha com o *toilette* e se estendia, pavorosamente, pelo chão e, ainda mais apavorante, pelas paredes. Os eléctricos passavam na rua, mas era ainda o sujeito quem lhes dava, no meu quarto, um tremendo rumor. É aquele armário da casa de jantar, onde certa noite um ruído estranho me revelou a sua presença lá dentro, arremelgou-me os olhos de lua, sorriu com uma boca papuda, descomunal, deu uma assustadora cambalhota e pôs-se a dançar com todos os móveis, as simples cadeiras, as mais endiabradas, e até os espelhos, sempre tão serenos, tão respeitáveis. Portanto, estava pela

manhã aberta a janela do meu quarto, e uma felicidade foi que ainda estivesse no seu lugar a jarra que ele pusera mesmo à bordinha do *étagère*!

O «cavalheiro» tinha esse costume, assim como de esconder os meus brinquedos, quando não lhes metia dentro coisas misteriosas. Desconfiei de que era ele em pessoa o senhor professor que me ensinou as primeiras letras, e poderia muito bem ser aquele homem que estava sempre, como refugiado, por trás do balcão das lojas onde entrávamos e, não obstante ser sempre muito risonho, a mamã desconfiava de quanto lhe queria comprar, vendo, palpando bem, como se pudesse estar tudo endemoninhado. Chegava a seguir-me até à sala das modistas, onde eu tinha de esperar horas infinitas, a olhar os sapatos das senhoras. Mas o pior era, lá em casa, aquelas questões sem motivo aparente que a avó bem pressentia irem dar-se entre a mamã e o meu pai. A mãezinha abraçava-nos, a mim e ao meu irmão, beijando-nos, como se corrêssemos algum perigo oculto, quando não era que, estando nós perfeitamente, e tudo em boa ordem, no seu lugar, ela andasse afligida, como que à procura de uma dor, de uma coisa terrível, que estariam escondidas em qualquer canto, em qualquer pormenor da casa.

Mas a própria mamã era uma bruxa, uma bruxa boa, que adivinhava todas as dores, as mais repentinas e diversas e nos sítios mais opostos, que eu sentia quando estava doente e, enfim, não tinha que estudar as lições. Mas então estavam sempre para se dar coisas extraordinárias, ali, no meu quarto, não sendo uma das menos temíveis a espera do doutor, que viria lá de uma parte especial do mundo, e para quem era preciso estar tudo ordenado, decente, antes que ele chegasse com os seus passos solenes e a sua cara mofina. Oh!, sobretudo o aborrecimento indescritível daquelas migalhas, que, por mais trabalho que a mamã e a criada tivessem em sacudir, tanto e tão insistentemente me feriam.

Quantas vezes as não tenho recordado, como se para sempre as sentisse na vida, essas pequeninas e perversas migalhas! E aqueles remédios repugnantes logo à simples

vista, mas que tinham de se tomar para que as dores se fossem embora, e a sopa, que tanto mais se tornava intragável quanto me obrigavam a comê-la, e as chegadas do pai logo à noite, com o jantar na sua presença, na presença dos seus pulsos grossos e peludos! A mamã parecia uma outra senhora, mais severa, o meu irmão tornava-se, como nunca, o «menino Isaac», fazendo-me caras implicativas, e a avó, coitada!, tinha sempre, nas suas rugas, um pensamento reservado e triste. Era ela quem me defendia e, com o seu fraco poder na casa, me segredava: «Mas porque gostas de apanhar?»

Eu então gostava, sobre todos, da nossa gata francesa e de estar, só, a dizer-me coisas. Nessa casa havia um saguão e, quando me debruçava para ele, bem sentia que nunca podia ser o «menino Isaac» da família. Como recordo o saguão e o jardim do prédio ao lado, onde morava a menina Joanhinha! Começámos por fazer-nos, de longe, as mais desdenhosas caretas, mas fiquei encantado quando me deixaram ir brincar para o seu jardim. Ainda entrei arredio, ela perguntou-me se era eu que morava ali em frente:

— E aquele é teu irmão? — segredou-me.

— Sim, é — disse-lhe na mesma.

A menina Joanhinha aliava-se comigo contra ele, e comecei a gostar dela mais do que, afinal, sempre gostara. Como verdadeiro demónico, só tinha rival nos piores rapazes do colégio, e em tudo que estava mal feito, desajeitado, prestes a cair, sendo de um cómico irresistível — mesmo quando era alguém que caía e se magoava —, eu antevia sempre, com prazer, o dedo malévolo da Joanhinha e dos tais rapazes.

Mas, no fim de contas, cá dentro de mim, gostava doidamente da mamã e também do meu irmão. Nem eu mesmo sabia por que era um tremendo arisco. E naturalmente deveria ser assim com a menina Joanhinha. Com o meu irmão, o que sofri quando ele continuou no colégio e fui para o liceu! Não me teriam bastado aqueles terríveis exames, com uns professores e umas professoras diversos da outra gente, pois nunca existiram senão sentados àquela mesa, ao fundo dum

auditório recolhido como numa igreja, à minha espera? Vá lá: que não me estrangularam, nem as suas perguntas foram tão medonhas como era de recear...

Ah! mas no liceu conheci uma vida mais larga, que pareceu rasgar-se da ignorância dos meus olhos. Por isso os professores passaram a tratar-me por senhor. Então, quando ia para o liceu, estava condenado a ler, todos os dias, os mesmos letreiros das lojas que havia pelo caminho. «Não leio mais nenhum!», intimava-me a certa altura, mas tinha, fatalmente, de ler o próximo e maldito letreiro!

O que soube da vida e das pessoas pelos rapazes foi mais impressionante que a sabedoria das lições. No entanto, seria possível que, antes de chegarem ao meu conhecimento, houvesse as cinco partes do mundo, um mundo tão grande e tão detalhado, com a Inglaterra, os Estados Unidos, a China, e todo o Portugal perdido no mapa-múndi! Mas o mais formidável foi quando estudámos o corpo humano e puseram na aula, suspenso do seu suporte de ferro, um autêntico esqueleto, sim, autêntico!, mas, pouco a pouco, não inspirando o pavor daquele que fora postar-se, coberto de um lençol, atrás da porta do meu quarto. Era um esqueleto frio, bem morto! Conhecemos, um a um, os seus ossos e, quando o professor saía, os rapazes iam apertar-lhe grotescamente a mão. Contudo, nós tínhamos por dentro um espantalho assim, de morte, a viver com as nossas vidas, como um ultraje e uma condenação, um pavoroso prenúncio!

No meio de tudo isto, aprendera, quase só por instinto, a satisfazer aquilo que sentia em mim tão exigente, experimentando ainda prazer em dizê-lo por outras palavras a certos rapazes, e em fazê-lo sentir, com os olhos, à Joanhinha. E que tristeza não fazer tudo com ela como no cinema e nos romances, depois que Joanhinha deixara de parecer-se com a menina do capuchinho vermelho.

Mas, como essas histórias se passavam no país das fadas, as fitas e os romances passavam-se lá no estrangeiro, onde as pessoas eram delicadas, de uma delicadeza fidalga mas boa, proveniente não de qualquer sangue azul, mas de um sangue desgraçadamente amoroso. Porque eu conhecia a

senhora condessa de..., e nela nada havia das condessinhas apaixonadas dos romances. Pelo contrário, assustava, sobretudo tinha uns dentes que, embora lustrosos, eram antipáticos. E, por outro lado, a Albertina, a filha da costureira de casa da Joantina, era pobre, bem arranjadita, mas a sua pobreza não vinha a ser romântica. Com a Albertina pude bem experimentá-lo! Ia até sendo um desastre que quase me pôs em risco de perder a amizade da Joana, que, não sendo titular nem pobre, tinha qualquer coisa de romance, talvez só no amanhecer dos seus pequenos seios, com certos vestidos e em determinados momentos, porque falava sem romantismo algum e às vezes dava-lhe para implicar comigo e chamar-me palerma.

No entanto, parecia ser por isso mesmo que eu gostava dela. Já dançávamos os dois muito apertados, mas naturalmente não seria à Joana que eu iria fazer uma declaração de amor, como faria, se vivesse lá no seu amável estrangeiro, à menina Lerocq: «Amo-a Margarida... Amo-a Joantina...» Sim, era estupendo, as palavras não me faltavam e dizia-as, a sós, sincero, numa atitude de que eu próprio riria se me surpreendesse. Não, não podia ser! A Joana não era a menina Lerocq e muito menos eu o marquês Máximo Odiot, ou qualquer outro nobre romântico. Tinha sobretudo uma grande pena de não ser príncipe para ser magnânimo. Tal como era não passava de um bom rapazinho, um pobre diabo. Estava apenas condenado a sofrer a melancolia dos grandes senhores românticos.

E como era elegante, romanticamente elegante, quando vestia um fato novo, e toda a gente se punha a admirar-me pela rua, ao ponto de me sentir envergonhado! Então, noutros dias, nem me era preciso estrear um fato, mas tão-só pôr um lenço com a vistosa ponta saída da algibeira exterior do casaco, ou achar-me (sem saber porquê) com uma grande correcção de maneiras, de andar, para me sentir impecável de elegância. Assim, quando não era, pelo contrário, que uma ligeira nódoa, uma pequena ruga no fato, uma meia dúzia de passos aborrecidos, ou não sei quê, em plena rua, me patenteavam, de súbito, desajeitado, ridículo, quase gebo.

ÍNDICE

Leitura de <i>Bússola Doida</i> , por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	7
--	---

BÚSSOLA DOIDA

Capítulo I	21
Capítulo II	33
Capítulo III	45
Capítulo IV	55
Capítulo V	69
Capítulo VI	85
Capítulo VII	101
Capítulo VIII	113
Capítulo IX	129
Capítulo X	143
Capítulo XI	157
Capítulo XII	169
Capítulo XIII	183